

#37 **HOTÉIS**
HOSTELS



Nikolaus Pevsner, o bem conhecido historiador de Arquitectura, distinguiu, no muito divulgado *A History of Building Types* (London: Thames & Hudson, 1976, p. 169), o hotel da estalagem, esta com tradição desde os tempos medievais, deste modo: "O hotel é quase sempre maior que a estalagem, especialmente nos seus espaços colectivos. O hotel tem salas públicas, não apenas uma taberna com algumas mesas para comer. Mas o hotel desenvolveu-se a partir da estalagem". Esta diferença começa-se a desenhar já no século XVII em algumas cidades europeias, mas também na aproximação ao palácio nobre, pelo menos na sua aparência, no século seguinte, mas é na chegada ao tempo oitocentista que o hotel como tipo não só se estabiliza, como adquire importância social, nomeadamente nas termas e nas grandes cidades, quer na Europa, quer nos Estados Unidos. O século XIX assiste à sua expansão mundial em parte pela revolução nos transportes que os caminhos-de-ferro e os barcos a vapor representaram, como pela divulgação das viagens culturais e das férias entre as elites onde a praia tem cada vez mais importância. Assim também se diversificam tipologicamente os hotéis, pois se, nas cidades, são sobretudo compostos por quartos e salas colectivas ou públicas e zonas de serviço, por vezes associados às estações ferroviárias, nas estâncias de férias (que incluíam as termas) podiam ter amplos jardins, campos de jogos desportivos, pavilhões, etc. Já o século XX assistiu a mudanças ainda maiores, não só pelo acesso de cada vez maior número de pessoas às férias e viagens, como pelo acelerar das diversas mundializações, entre elas a do comércio e dos negócios. Um número cada vez mais elevado de variantes tipológicas foi surgindo e instalou-se a diversificação dos equipamentos e espaços colectivos como por exemplo a piscina coberta que se afirma como um importante pólo de lazer nos hotéis. Mas também um número cada vez maior de restaurantes, a inclusão de lojas, ou, novidade americana, a associação entre o hotel e o casino como sucedeu nomeadamente em Las Vegas. Também não se pode esquecer o hotel como aglomerado de pequenos edifícios a que se chamou aldeamento ou o hotel incluído em vastas operações turísticas em que não existe apenas um, mas vários, associados a operações imobiliárias, centros de desportos, de lazer ou mesmo de compras. Esta última versão floresceu no Golfo Pérsico antes da crise de 2008.

Mas contrariando um processo de globalização, apareceram os hotéis integrados em centros históricos, muitas vezes pequenos e aproveitando edifícios com valores patrimoniais, ou então construídos em paisagens únicas e protegidas, ou associados a programas específicos culturais ou até educacionais. Hoje a diversidade é enorme e o nome de hotel designa um vasto leque de realidades. É o que se pode constatar neste número de *Arquitectura Ibérica*.

Depois de um texto de Paulo Martins Barata, arquitecto com experiência no projecto de hotéis, que aponta a sustentabilidade como o caminho para o futuro destes equipamentos colectivos, incluindo a sustentabilidade estética, isto é, um afastamento do gosto momentâneo, da moda, a lembrança do hotel Balaia projectado pelo atelier Conceição Silva ancora o hotel na história portuguesa e internacional, pois, sendo um exemplo maior em Portugal, foi fruto da convocação de conhecimentos disciplinares do seu tempo e do labor de um atelier ou gabinete de Arquitectura com um voluntário desígnio único no País e raro na Europa desse tempo. Assim se prepara a interpretação que cada um fará dos dez exemplos aqui apresentados que começam precisamente com o caso de um hotel que se acolhe no que resta de uma casa nobre do início do século XVIII, que foi posteriormente transformada em fábrica, num dos pontos do vasto centro histórico de Lisboa. É pequeno, intimista e mergulhado na densa malha urbana antiga. Curioso é comparar com o Water House Boutique Hotel, um estabelecimento hoteleiro ainda mais pequeno que aproveita o que resta de um edifício fruto da ocupação japonesa de Xangai na década de 1930, deixando as marcas do tempo num testemunho arquitectónico de acontecimentos dolorosos para a cidade. Não tem a antiguidade do exemplo lisboeta, mas faz parte da história urbana. Em contraste, o hotel ME Barcelona é, tipologicamente e em termos de programa, um daqueles que se pode encontrar em qualquer grande cidade do Mundo. Situado num dos núcleos de escritórios da cidade, não longe da torre/pepino Agbar projectada por Jean Nouvel, o hotel apresenta-se na sua grande escala através de um típico jogo geométrico e monumental de Dominique Perrault. Outra vez em contraste, a Casa na Comporta é afinal um pequeníssimo hotel com quatro quartos e uma sala comum em quatro cabanas no meio do areal que continua para o interior da sala. Simples e essencial, recuperando existências modestas, sinais de uma ocupação rural que se está a esvanecer. E também numa paisagem harmoniosa, mas num país bem mais frio, o hotel Sub apresenta-se discreto, semi-enterrado com os quartos abertos à praia e ao mar, onde se adivinha uma vida informal. Um restaurante, mais sobre as águas, completa este também pequeno hotel. E não longe destas estratégias de integração e discrição perante a paisagem está também o hotel Makenna Resort Hotel que é tipologicamente um aldeamento turístico com os seus diversos edifícios de pequeno porte espalhados por uma paisagem de praia sombreada por coqueiros, respondendo ao sonho tropical das gentes de países mais frios. Tendo um spa também como atractivo, este é menos centrado neste equipamento que se espalhou que nem fogo pela floresta do negócio hoteleiro, enquanto o Porto Santo Thermal Hotel faz dele o seu centro, sendo acompanhado por apartamentos virados para um pátio muito privado em vez de quartos mais correntes. Aqui a relação com a paisagem da extensa praia de ilha faz-se pela via da tradição arquitectónico-construtiva, enquanto o complexo termal de Panticosa num vale dos Pirinéus é muito maior, como que uma pequena vila de hotéis e equipamentos termais que sofreu, há pouco tempo, um processo

Nikolaus Pevsner, the famed historian of Architecture, distinguished, in his widely disseminated *A History of Building* (London: Thames and Hudson, 1976, p. 169) between the hotel of the inn, the latter boasting a tradition dating back to medieval times, as follows: of the inn, the latter boasting a tradition dating back to medieval times, as follows: "The hotel is nearly always larger than the inn, especially in its public spaces. The hotel has a number of public rooms, not just a tap room and some tables to eat at. But the hotel develops out of the inn." This difference was already decipherable in the seventeenth century in some European cities, but also in the approach to noble palaces, at least in their appearance in the century that followed. It is, however, with the arrival of the 1800s that the hotel as a type not only established its form but acquired social importance, notably in thermal spas and in the great cities, whether in Europe or the United States. The nineteenth century saw its expansion worldwide, partly because of the revolution in transport which the railways and steam ships represented, as well as because of the dissemination of cultural and holiday journeys undertaken by the elites, for whom the seaside grew in importance. Thus, too, hotels became typologically diversified, for, if in the cities they mainly comprised rooms and common or public rooms and service areas, at times associated to railway stations, in holiday sites (which included spas) they could have large gardens, sports facilities, pavilions, etc. The twentieth century, on the other hand, witnessed even greater changes, not only because more and more people were going away on holiday and travelling in general, but also because different globalisations were accelerating, among which that of trade and business. An ever-growing number of typological variants emerged; the diversification of equipment and common spaces was established, such as indoor or outdoor swimming pools, which became a major leisure arena for hotels. But an ever-growing number of restaurants, the inclusion of shops, or, an American novelty, the association between hotels and casinos also obtained, as happened notably in Las Vegas. Nor can we forget the hotel as a cluster of small buildings which were designated as villages or the hotel included in vast tourist operations in which there was not just one but several sports, leisure or even shopping centres, associated to real estate operations. This latter version flourished in the Persian Gulf before the 2008 crisis.

But countering the process of globalisation, there appeared hotels integrated in historical centres, very often small and making use of classified buildings, or else built on unique, protected land, or associated to specific cultural or even educational programmes. Now the diversity is great, and the name 'hotel' covers a wide range of realities. This is what we can observe in this issue of *Arquitectura Ibérica*.

After an article by Paulo Martins Barata, an architect with experience of hotel projects who points to sustainability as the way forward for this type of collective equipment, including aesthetic sustainability, that is, a detachment from the moment's taste, from fashion, the recollection of Hotel Balaia projected by the studio of Conceição Silva anchors the hotel in Portuguese and international history. Being as it was a major example in Portugal, it was the fruit of assembling the know-how of the discipline of its day and of the work of a large studio or Architects' office with a desired aim unprecedented in Portugal and rare in the Europe of the time. Thus is prepared the interpretation which each reader will take of the ten examples presented here, which begin precisely with the case of a hotel which shelters in what is left of a nobleman's house of the early eighteenth century, later turned into a factory, on one of the sites of the vast historical centre of Lisbon. It is small, intimate and cast in the dense ancient urban fabric. It is interesting to compare it with the Water House Boutique Hotel, an even smaller hotel which makes use of what remains of a building resulting from the Japanese occupation of Shanghai in the 1930s, leaving its mark on time as an architectural witness to events which are painful for the city. It is not as old as the Lisbon example but it is part of urban history. Contrasting with this the ME Barcelona Hotel is, typologically and in terms of its programme, one of those establishments which are to be found in any large city of the globe. Located in one of the office nuclei of the city, not far from the Agbar tower/gherkin projected by Jean Nouvel, the hotel presents itself on its large scale by means of a typical, geometrical and monumental Dominique Perrault play. Again in contrast to this, Casa na Comporta is, when all is said and done, a

tiny hotel with four rooms and a common room in four visitors' huts in the midst of the sand which continues on into the interior of the room. Simple and essential, recovering modest existences, signs of a rural location which is on the wane. And also in a harmonious landscape but in a far colder country, Hotel Sub presents a discreet appearance, half-submerged with its rooms open to the beach and to the sea, where visitors glimpse an informal way of life. A restaurant, rather more over the water, completes this hotel, it, too, small. And not far from these strategies of integration and discretion with regard to the landscape there also stands the Makenna Resort Hotel, typologically a tourist village, with its several small-scale buildings dotted in among a landscape consisting of a beach with coconut trees offering shade, responding to the tropical dream of peoples from colder countries. With a spa acting as an attraction, this hotel is less centred around this equipment which spread like wildfire in the hotel business. Meanwhile, the Porto Santo-Thermal Hotel makes of it its centre, accompanied by apartments facing a very private court-yard instead of the more usual rooms. Here the relation to the island's extensive beach is achieved by means of the architectural-constructive tradition. On the other hand, the Panticosa Spa complex in a Pyrenean valley is much larger, somewhat akin to a small town of hotels and thermal equipment which, not long ago, underwent a process of refurbishment/extension so as to appeal to a more up-to-date clientele and where the introduction of new buildings was guided by contemporaneity, though respecting scales and creating public spaces with a collective significance. Lastly comes the presentation of an unbuilt project by young architects for the city of Bergen, which implies the renovation/extension of an existing hotel. It points to the future, for renovation (which has reached even China as can be seen here) lies in the sustainability which has now become a moral imperative, especially so in the so-called developed countries, whose ecological footprint is far larger than that of others. Even so, the latter seem to be moving towards the standard of living of the former with little reflection as to the consequences of the development models which the Industrial Revolution and the capitalist system (the so-called socialist countries before the fall of the Berlin Wall did not constitute an alternative) triggered. As an exception on this issue, since it is designed for it, the La Rafa Agro-ecological Centre, which includes small apartments to rent, reinforces these views of the future.

de reabilitação/extensão a fim de atrair uma clientela mais actualizada e onde a introdução de novos edifícios se fez pela via da contemporaneidade, mas respeitando escalas e criando espaços públicos com significado colectivo. Por fim apresenta-se um projecto de jovens arquitectos não construído para a cidade de Bergen que implica a reabilitação/extensão de um hotel existente. Aponta para o futuro, pois a reabilitação (que até já chegou à China como se pode aqui constatar) inscreve-se na sustentabilidade que hoje se constituiu como imperativo moral, em particular nos países ditos desenvolvidos, cuja pegada ecológica é bem maior que os outros, se bem que estes parecem caminhar para o nível de vida daqueles com pouca reflexão sobre as consequências dos modelos de desenvolvimento que a Revolução Industrial e o sistema capitalista (os países ditos socialistas antes da queda do muro de Berlim não constituíram alternativa) puseram em marcha. Como excepção nesta questão, porque objectivado para tal, o Centro de Agroecologia de La Rafa, que inclui pequenos apartamentos para alugar, reforça aquelas perspectivas de futuro.